



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 14 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 19 de dezembro de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO Conferência da OMC anuncia fim da era dos acordos 1 VEICULAÇÃO NACIONAL	1
O ESTADO DE SÃO PAULO O pessimismo da indústria..... 3 VEICULAÇÃO NACIONAL	3
FOLHA DE SÃO PAULO País atrai 5% do fluxo global de investimentos produtivos 4 VEICULAÇÃO NACIONAL	4
FOLHA DE SÃO PAULO Brasil já atrai 5% de todo o investimento direto global..... 5 VEICULAÇÃO NACIONAL	5
FOLHA DE SÃO PAULO Dilma decide pôr Mercadante na Educação no lugar de Haddad 7 VEICULAÇÃO NACIONAL	7
FOLHA DE SÃO PAULO Governo quer criar novas regras para usar lucro do FGTS..... 9 VEICULAÇÃO NACIONAL	9
VALOR ECONÔMICO Comércio mundial enfrenta nova escassez de crédito 11 VEICULAÇÃO NACIONAL	11
VALOR ECONÔMICO Com R\$ 12 bilhões em caixa, Sudene incentiva micro e pequena empresa 12 VEICULAÇÃO NACIONAL	12
O GLOBO Pimentel pediu para sair, mas Dilma não quis 13 VEICULAÇÃO NACIONAL	13
O GLOBO Pimentel pediu para sair, mas Dilma não quis 14 VEICULAÇÃO NACIONAL	14
O TEMPO Pimentel integra restrito grupo de ministros queridos 16 VEICULAÇÃO NACIONAL	16
ASSESSORIA MDIC Terceira semana de dezembro tem superávit de US\$ 542 milhões 17 VEICULAÇÃO NACIONAL	17
O ESTADÃO Bancos resistem à redução dos juros 18 VEICULAÇÃO NACIONAL	18
VALOR Equipe econômica prevê ano difícil, mas sem catástrofes 19 VEICULAÇÃO NACIONAL	19

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Conferência da OMC anuncia fim da era dos acordos		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Recessão global acabou com 20 anos de liberalização dos mercados e o mundo caminha para uma segunda onda de protecionismo

Jamil Chade

CORRESPONDENTE / GENEBRA

O vento gelado dos Alpes varreu nos últimos dias a cidade de Genebra, onde ocorria neste fim de semana a conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC). Para muitos, a tempestade era o sinal de tempo difíceis.

Enquanto políticos faziam falsas promessas de manter mercados abertos, diplomatas e economistas chegavam à mesma conclusão: a recessão acabou com 20 anos de um processo de liberalização dos mercados e o mundo caminha para uma segunda onda de protecionismo, ainda mais profunda, que provocaria prejuízos à economia mundial de R\$ 1,5 trilhão.

Nem o Brasil, nem a UE nem os Estados Unidos demonstram hoje interesse real na conclusão da Rodada Doha. Mas, para além dos acordos, o que se verifica é a proliferação de medidas protecionistas, tanto em países ricos como emergentes.

Para 2012, o comércio mundial deve, na melhor das hipóteses, sofrer uma estagnação por causa da queda de consumo.

Mas a onda de barreiras ameaça fazer o fluxo contrair. "Há sinais sérios de isolacionismo que se parecem com o momento da recessão dos anos 30", alertou Pascal Lamy, diretor - geral da OMC.

Em média, três barreiras são implementadas no mundo por dia e, cada qual com sua estratégia, a ordem é a de proteger suas indústrias em tempos de estagnação e desemprego.

Essas medidas e ameaças mostram que a era dos acordos comerciais pode ter chegado a um fim, pelo menos temporário. "Acho que o inverno comercial começou", alertou um diplomata escandinavo.

Desde 1990, mais de 400 acordos comerciais foram fechados entre regiões e países. Só o México e o Chile chegaram a fechar tratados com mais de 30 países diferentes.

No começo dos anos 90, países como o Brasil e Índia abriram unilateralmente seus mercados, convencidos de que precisavam importar para modernizar suas indústrias.

A Rodada Doha, lançada em 2001 para formatar o novo mundo comercial, foi definitivamente engavetada neste fim de semana.

Mas a onda protecionista vai além. Com o desemprego sem dar sinais de ceder e governos sendo derrubados pela crise, a ordem é de traçar estratégias para aguentar anos de estagnação.

Sem acordos. No caso de europeus e americanos, a barreira não vem do aumento de tarifas, mas de políticas de incentivo a grupos locais e o fim de novas concessões. A possibilidade de acordos comerciais que possam afetar a agricultura, portanto, está totalmente afastada.

Entre os mercados emergentes, a onda protecionista é evidente, com dezenas de medidas na Argentina, Rússia, Índia, Indonésia, Tailândia e outros países.

Com a queda do mercado europeu e americano, China, Brasil e Índia sabem que as exportações aos países ricos devem ser freadas.

Em 2012, a previsão dos europeus é de que comprarão 1,5% a menos do mundo que em 2011.

A resposta dos emergentes é também erguer barreiras, seja para salvar a balança comercial positiva, seja para compensar as perdas com as exportações. Ao Estado, funcionários do governo admitem que medidas de defesa comercial "não serão poupadas" em 2012, seja na forma de barreiras antidumping, incentivos locais ou salvaguardas. O chanceler Antonio Patriota evita a palavra protecionismo. Prefere justificar as decisões como forma de garantir "espaço para políticas públicas".

A China, maior exportador do mundo, também admite que começa a perder com a volta da recessão nos países ricos. O ministro do Comércio, Deming Chen, deixou claro que o país "defenderá seus interesses".

Lamy não mede as palavras para criticar as medidas "miópes" de governo se alerta que a segunda onda da crise é

ainda mais perigosa que a primeira. "Para 2012, há poucos sinais de otimismo.

O clima é ruim e vivemos tempos difíceis, com a pressão protecionista aumentando."

Pressões

PASCAL LAMY, DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO **COMÉRCIO**

"Para 2012, há poucos sinais de otimismo. O clima é ruim e vivemos tempos difíceis, com a pressão protecionista aumentando."

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO O pessimismo da indústria		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O otimismo com que o ministro da Fazenda, Guido Mantega, fala da atual situação da economia brasileira e de suas perspectivas para os próximos meses contrasta com as projeções cada vez mais pessimistas do empresariado, sobretudo do setor industrial.

Por razões políticas ou por desprezo a dados, o governo insiste em qualificar como meramente incidental a estagnação registrada no terceiro trimestre, razão pela qual continua a prever uma expansão de 4% a 5% do **PIB** em 2012. Economistas e dirigentes do setor financeiro consultados pelo Banco Central, ao contrário, vêm reduzindo suas previsões e, na pesquisa divulgada na última segunda-feira, a projeção para a expansão do **PIB** em 2012 caiu para 3,40% (na pesquisa anterior, estava em 3,48%). É mais do que a projeção da Confederação Nacional da Indústria (CNI), de aumento de 3,0% em 2012. A estimativa da Fiesp é mais pessimista, de 2,6%.

O fraco desempenho do setor em 2011 e a perda de competitividade no **mercado** interno e no exterior, que deteriorou a balança comercial, entre outros fatores negativos, abateram o ânimo dos industriais. A CNI reduziu de 3,2% (dado de julho) para 1,8% sua previsão de crescimento do **PIB** industrial neste ano. Com relação especificamente à indústria de transformação, a Fiesp calcula que o crescimento deve ficar em 0,9% neste ano; com uma pequena melhora, a expansão em 2012 poderá chegar a 1,5%. Seria um crescimento insuficiente para mudar a tendência da balança comercial da área de manufaturados, que, neste ano, deve registrar déficit de US\$ 100 bilhões, de acordo com a Fiesp.

Embora não tão pessimistas quanto os da indústria, outros cálculos para o **PIB** de 2011 e outras projeções para 2012 também contrastam com os do governo.

Na semana passada, diante da evidência dos dados mais recentes, o ministro Guido Mantega admitiu que, em 2011, o **PIB** não crescerá 3,8% como vinha sendo previsto pelo governo (a previsão foi mantida no boletim do **Ministério** da Fazenda Economia Brasileira em Perspectiva, que manteve também a estimativa de aumento de 5% em 2012). Mesmo a nova previsão do ministro, de que o **PIB** crescerá 3,2% em

2011, porém, é mais otimista do que a mais otimista estimativa do empresariado.

Na terça-feira (13/12), o diretor de Política Econômica do Banco Central, Carlos Hamilton Vasconcelos, fez uma previsão um pouco mais modesta do que a do ministro, de crescimento "em torno de 3%" neste ano. Mas nem esse número deverá ser alcançado.

Instituições financeiras do exterior têm observado que, embora disponham de forte poder de reação, os países emergentes não estavam nem estão imunes aos problemas da Europa. A desaceleração foi observada nos principais países emergentes. Os efeitos da crise externa ainda não foram superados nesses países, entre os quais o Brasil. Isso torna mais remota a possibilidade de o **PIB** crescer 3% em 2011, pois, para isso, no último trimestre, o crescimento deve ser de pelo menos 0,8% em relação ao trimestre anterior, expansão que dificilmente será alcançada. A agência Fitch reduziu sua previsão do crescimento neste ano para 2,8%, a mesma projeção feita pela indústria e por economistas de diversos bancos.

A desaceleração dos últimos meses deverá afetar o desempenho da economia brasileira no início de 2012. Quanto a novos estímulos à atividade econômica, a alta do salário mínimo, a maior dos últimos seis anos, começará a produzir efeito no início do próximo ano. Mas medidas recentes adotadas pelo governo para estimular o consumo produzirão efeitos mais notáveis só no fim do primeiro semestre.

Na segunda metade do ano, se a crise mundial não se agravar, o ritmo de crescimento poderá se acelerar. Por isso, as previsões mais frequentes para o **PIB** brasileiro em 2012 convergem para 3,5%, mais do que a previsão da CNI e da Fiesp, mas bem menos do que os 4% ou 5% que permanecem nas projeções otimistas do governo.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO País atrai 5% do fluxo global de investimentos produtivos		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

ÉRICA FRAGA E MARIANA SCHREIBER

Participação do Brasil aumenta mais rápido que a de outros países emergentes

Apelo do mercado doméstico e interesse por recursos naturais fazem crescer apetite de investidor estrangeiro

O Brasil aumentou de forma significativa na última década sua capacidade de atrair investimentos produtivos de empresas estrangeiras.

O país deverá receber mais de 5% do total de novos recursos aplicados por multinacionais em todo o mundo, de acordo com projeções da Sobeet (Sociedade Brasileira de Estudos e Empresas Transnacionais).

É pouco perto dos mais de 17% que serão destinados à China. Mas é o dobro do que o Brasil conseguiu atrair na década passada, em média.

O bom desempenho da economia brasileira em meio à crise que afeta o mundo desde 2008 ajuda a explicar o salto no valor dos investimentos estrangeiros destinados ao país.

"Houve uma mudança de destino dos investimentos no mundo a favor de países em desenvolvimento nos últimos anos", afirma o economista Luis Afonso Lima, presidente da Sobeet.

Analistas estimam que o fluxo de recursos produtivos recebidos pelo Brasil atingirá US\$ 65 bilhões neste ano, um aumento de 35% em relação ao ano passado.

A Sobeet calcula que o fluxo mundial de investimentos estrangeiros aplicados no setor produtivo ficará estável neste ano, próximo de US\$ 1,2 trilhão.

Projeções da consultoria britânica EIU (Economist Intelligence Unit) indicam que o poder de atração exercido pelo Brasil sobre esses recursos aumentou 250% desde 2006, mais do que em outras economias emergentes.

O Brasil também recebeu neste ano bilhões de dólares na forma de empréstimos e aplicações em ações e outros

investimentos financeiros, mas os recursos produtivos foram os que mais cresceram.

Esse crescimento acelerado gerou suspeitas de que parte do dinheiro teria sido trazido pelas empresas de maneira disfarçada, para driblar impostos cobrados sobre aplicações financeiras.

Os recursos teriam entrado no Brasil como se fossem destinados à aquisição de empresas nacionais ou à ampliação de fábricas no país, mas teriam sido usados para lucrar com as elevadas taxas de juros praticadas no Brasil.

Mas os analistas acreditam que operações dessa natureza foram muito raras e atribuem o interesse dos investidores estrangeiros às transformações sofridas pelo mundo e pela economia brasileira nos últimos anos.

A expansão da classe média no Brasil contribuiu para atrair investidores interessados em explorar o potencial do mercado de consumo doméstico, segundo o consultor Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior.

O setor financeiro e a indústria de alimentos e bebidas estão entre as áreas que mais receberam recursos externos desde 2005, de acordo com o Banco Central.

A forte demanda da China e de outros países emergentes por minérios e produtos agrícolas é outra explicação.

"O fato de a China ter se tornado um importante investidor externo contribuiu para o recente aumento de investimentos no Brasil", afirma Robert Wood, analista da consultoria EIU.

Embora a economia brasileira continue atraindo grande volume de investimentos estrangeiros, analistas esperam uma queda em 2012 por causa do agravamento da crise externa.

Levantamento feito pela Sobeet com base em informações do jornal britânico "Financial Times" indicam uma perda de fôlego nos anúncios de novos investimentos produtivos para o Brasil.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Brasil já atrai 5% de todo o investimento direto global		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A fatia do Brasil nos recursos aplicados por multinacionais em todo o mundo dobrou na última década e chegou a 5% do total global. Mas o percentual ainda é pequeno se comparado com a China, que fica com 17%. O investimento produtivo de empresas estrangeiras no país aumentou 250% nos últimos cinco anos. O fluxo de recursos saltará de US\$ 48,4 bilhões em 2010 para cerca de US\$ 65 bilhões neste ano

País atrai 5% do fluxo global de investimentos produtivos

Participação do Brasil aumenta mais rápido que a de outros países emergentes

Apelo do mercado doméstico e interesse por recursos naturais fazem crescer apetite de investidor estrangeiro

ÉRICA FRAGA

MARIANA SCHREIBER

DE SÃO PAULO

O Brasil aumentou de forma significativa na última década sua capacidade de atrair investimentos produtivos de empresas estrangeiras.

O país deverá receber mais de 5% do total de novos recursos aplicados por multinacionais em todo o mundo, de acordo com projeções da Sobeet (Sociedade Brasileira de Estudos e Empresas Transnacionais).

É pouco perto dos mais de 17% que serão destinados à China. Mas é o dobro do que o Brasil conseguiu atrair na década passada, em média.

O bom desempenho da economia brasileira em meio à crise que afeta o mundo desde 2008 ajuda a explicar o salto no valor dos investimentos estrangeiros destinados ao país.

"Houve uma mudança de destino dos investimentos no mundo a favor de países em desenvolvimento nos últimos anos", afirma o economista Luis Afonso Lima, presidente da Sobeet.

Analistas estimam que o fluxo de recursos produtivos recebidos pelo Brasil atingirá US\$ 65 bilhões neste ano, um aumento de 35% em relação ao ano passado.

A Sobeet calcula que o fluxo mundial de investimentos estrangeiros aplicados no setor produtivo ficará estável neste ano, próximo de US\$ 1,2 trilhão.

Projeções da consultoria britânica EIU (Economist Intelligence Unit) indicam que o poder de atração exercido pelo Brasil sobre esses recursos aumentou 250% desde 2006, mais do que em outras economias emergentes.

O Brasil também recebeu neste ano bilhões de dólares na forma de empréstimos e aplicações em ações e outros investimentos financeiros, mas os recursos produtivos foram os que mais cresceram.

Esse crescimento acelerado gerou suspeitas de que parte do dinheiro teria sido trazido pelas empresas de maneira disfarçada, para driblar impostos cobrados sobre aplicações financeiras.

Os recursos teriam entrado no Brasil como se fossem destinados à aquisição de empresas nacionais ou à ampliação de fábricas no país, mas teriam sido usados para lucrar com as elevadas taxas de juros praticadas no Brasil.

Mas os analistas acreditam que operações dessa natureza foram muito raras e atribuem o interesse dos investidores estrangeiros às transformações sofridas pelo mundo e pela economia brasileira nos últimos anos.

A expansão da classe média no Brasil contribuiu para atrair investidores interessados em explorar o potencial do mercado de consumo doméstico, segundo o consultor Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior.

O setor financeiro e a indústria de alimentos e bebidas estão entre as áreas que mais receberam recursos externos desde 2005, de acordo com o Banco Central.

A forte demanda da China e de outros países emergentes por minérios e produtos agrícolas é outra explicação.

"O fato de a China ter se tornado um importante investidor externo contribuiu para o recente aumento de investimentos no Brasil", afirma Robert Wood, analista da consultoria EIU.

Embora a economia brasileira continue atraindo grande volume de investimentos estrangeiros, analistas esperam uma queda em 2012 por causa do agravamento da crise externa.

Levantamento feito pela Sobeet com base em informações do jornal britânico "Financial Times" indicam uma

perda de fôlego nos anúncios de novos investimentos produtivos para o Brasil.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA
	TÍTULO Dilma decide pôr Mercadante na Educação no lugar de Haddad	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A presidente Dilma Rousseff decidiu colocar o ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, no lugar de Fernando Haddad no Ministério da Educação, informa Renata Lo Prete. Haddad deve deixar o cargo em breve para concorrer à Prefeitura de São Paulo. Dilma considera que Mercadante terá mais peso que uma solução caseira

Painel

RENATA LO PRETE

Mercadante no MEC

Dilma Rousseff decidiu colocar Aloizio Mercadante no lugar de Fernando Haddad quando este deixar o Ministério da Educação para disputar a Prefeitura de São Paulo pelo PT. A substituição deverá ocorrer em breve.

A presidente chegou a analisar a possibilidade de uma sucessão caseira, promovendo um dos quadros da atual cúpula do MEC, mas concluiu que o ex-senador petista, hoje ministro de Ciência e Tecnologia, é uma solução de mais peso para uma área que ela considera estratégica. Desde o início do governo, Mercadante tem se mantido distante de refregas partidárias e concentrado nos assuntos de sua pasta.

Marco Mercadante sempre esteve bem com Dilma, mas foi a partir da saída de Antonio Palocci da Casa Civil, em junho, que seu trânsito aumentou significativamente dentro do governo.

Hiato Uma vez fora do Ministério, Haddad deve tirar duas semanas de descanso antes de mergulhar nas atividades de pré-campanha.

Morde... A recomendação, feita anteontem pelo presidente do PT paulista, Edinho Silva, para que seja mantido um "ambiente de cordialidade" com o PSD de Gilberto Kassab não encontra eco no diretório da capital. Ali se acredita que, ao menos no primeiro turno, o único caminho possível para o partido é bater duro na desgastada administração do prefeito.

...e assopra Acontece que Edinho faz parte de um invisível porém ativo grupo de petistas em permanente negociação com Kassab.

Transgênico A CNB, corrente majoritária petista, aprovou protocolo de apoio ao ex-tucano Gustavo Fruet (PDT), que enfrentará o prefeito Luciano Ducci (PSB) em Curitiba. Em desacordo, a ala liderada pelo deputado Dr. Rosinha promete lutar pela candidatura própria no diretório da capital paranaense.

Modos de ver Os peemedebistas mais benevolentes atribuem exclusivamente ao presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Hereda, o processo de desidratação a que vêm sendo submetidos no banco. Já os mais céticos ponderam que o petista não teria como levar a cabo tamanha ofensiva sem o respaldo do Palácio do Planalto.

Prévia\$ A interminável discussão a respeito do tamanho do colégio eleitoral que escolherá, em 4 de março, o candidato do PSDB à prefeitura paulistana não se deve a questões programáticas ou mesmo sobre o grau de inserção de cada um dos postulantes na máquina partidária. Trata-se de saber quantos votantes será preciso convencer. E com que meios.

Os pássaros 1 No momento, Bruno Covas é o alvo preferencial dos demais pré-candidatos tucanos, notadamente Andrea Matarazzo e José Aníbal. O primeiro o enxerga por trás de ataques que sofreu nas redes sociais. O segundo o acusa de tentar estabelecer uma espécie de reserva de mercado sobre o legado do avô famoso. Matarazzo e Aníbal estão em clima de aliança tática.

Os pássaros 2 Também contribui para a má vontade com Bruno o fato de ele ter pontuado ligeiramente melhor do que seus adversários de prévia na mais recente pesquisa Datafolha.

Pavilhões Alckmin e Kassab divergem quanto à expansão de centros de convenções na capital. Enquanto o grupo mais próximo do prefeito quer prioridade à PPP do Piritubão, a ala mais próxima ao governador pretende acelerar a ampliação da área de exposições na Imigrantes.

troteio

Infelizmente, senhores deputados petistas, não posso deixar para amanhã o que estou falando hoje, pois nós não temos uma vida para ensaiar e outra para viver.

DO DEPUTADO CAMPOS MACHADO, LÍDER DO PTB NA ASSEMBLEIA, aos colegas que pretendiam interromper a acalorada discussão em plenário sobre o projeto de previdência complementar de servidores apresentado por Geraldo Alckmin.

contraponto

Coisa de craque

Na longa fila de autógrafos do lançamento de "Sócrates e Thomas More - Correspondências Imaginárias", na sexta passada em São Paulo, ouviu-se um prefeito dizer:

-Mas esse Gabriel Chalita sabe vender livro mesmo... O homem acabou de morrer e ele já faz uma homenagem! Toda a torcida corintiana vai comprar!

O político que o acompanhava então perguntou:

-E o tal do Thomas More jogava em qual time?

O prefeito respondeu de bate-pronto:

-No Corinthians tenho certeza de que nunca jogou...

com LETÍCIA SANDER e FABIO ZAMBELI

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Governo quer criar novas regras para usar lucro do FGTS		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Governo quer criar novas regras para usar lucro do FGTS

O Governo Federal está criando novas regras para ampliar a parcela que acessa o FGTS, fundo que hoje lucra acima de bancos como Bradesco e Banco do Brasil.

A idéia é utilizar esses recursos para bancar obras sem retorno financeiro, como de saneamento e habitação, despesas que deveriam ser pagas apenas com recursos do Orçamento

Governo quer novas regras para utilizar lucro do FGTS

Lei tem brecha que pode ampliar poder oficial no destino de recursos

Verbas pagarão obras públicas cujos gastos estão aumentando; Minha Casa saltou de R\$ 1,5 bi para R\$ 4,5 bi

SHEILA D"AMORIM

DE BRASILIA

De olho no lucro recorde do FGTS, que bateu o de grandes bancos como o Bradesco e o Banco do Brasil, o governo está criando novas regras para aumentar a parcela que abocanha do fundo.

Caso isso ocorra, a equipe econômica terá ainda mais recursos para financiar a fundo perdido obras de saneamento e habitação, aliviando despesas que estão aumentando e deveriam ser pagas com recursos do Orçamento da União.

No ano passado, dos R\$ 13 bilhões de ganho do FGTS, R\$ 4,5 bilhões foram usados pelo Governo Federal para subsidiar o programa de construção de moradias populares Minha Casa, Minha Vida. Esse custo, antes, era de R\$ 1,5 bilhão.

Gastos desse tipo vêm crescendo e geram muita polêmica entre representantes dos trabalhadores e dos empresários que participam da gestão no Conselho Curador do FGTS -que decide a destinação dos recursos.

Em maio, o secretário-executivo do Conselho Curador do FGTS foi trocado por um técnico da confiança do secretário do Tesouro Nacional, Arno Augustin.

O passo seguinte do governo foi dado no mês passado com a sanção presidencial da Lei Complementar 139, que abriu uma brecha para dar mais poder ao governo sobre a destinação de uma parcela da arrecadação do FGTS.

UNIFICAÇÃO

Por meio dessa lei, as contribuições para o FGTS feitas por microempresários foram discretamente incluídas na unificação das guias de recolhimentos de impostos. Ou seja: tudo será pago de uma vez só na hora do acerto de contas com a Receita Federal.

Inicialmente, a mudança valerá somente para microempreendedores individuais (MEI) -medida que ainda precisa ser regulamentada.

Hoje, o FGTS é depositado pelas empresas por meio de uma guia de recolhimento própria nas contas dos trabalhadores mantidas pela Caixa Econômica Federal.

A parcela que não é utilizada é aplicada pela Caixa, gestora do Fundo, em títulos públicos.

É desse bolo que sai o dinheiro para bancar a construção de casas populares e outras obras do governo sem retorno financeiro algum.

Com a unificação, os impostos serão pagos por meio de uma única guia de recolhimento e, depois, o governo é que fará o repasse para o Fundo.

OPOSIÇÃO

Deixados de lado na decisão, representantes dos trabalhadores e dos empresários acreditam que esse é o primeiro passo para, mais adiante, o governo ampliar essa unificação para todas as empresas beneficiadas pelo sistema simplificado de impostos e, com isso, passar a deter mais controle sobre a arrecadação do Fundo.

A Receita Federal nega que esteja preparando a unificação geral das contribuições para o FGTS.

Para os trabalhadores, há uma regra clássica: quem arrecada é quem tem poder. A preocupação deles é que, com a unificação do recolhimento, o Conselho Curador do FGTS perderá espaço nas decisões sobre a destinação do dinheiro

para o governo, que comanda o comitê que administra a arrecadação unificada do Fundo.

"Queremos ver se com o dinheiro passando pelas mãos do governo antes de ser entregue para o Fundo, na hora do aperto, não vai haver alguém querendo aproveitar esses recursos", disse Paulo Safady Simão, presidente da CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção).

Segundo Simão, o Tesouro Nacional quer "aliviar o Orçamento da União e transferir toda a responsabilidade por

financiamentos para o FGTS". A guia única do MEI será o primeiro passo.

Os críticos apontam ainda outro problema. Enquanto a data para o recolhimento do FGTS vai até o sétimo dia, a da guia única do MEI é sempre no dia 20 de cada mês. Eles questionam quem vai pagar a correção nesse período.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO Comércio mundial enfrenta nova escassez de crédito		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Crise Grandes bancos europeus estão cortando linhas de financiamento

Assis Moreira

O **comércio** mundial enfrenta uma nova escassez de crédito, com bancos europeus cortando financiamentos, o que pode intensificar a queda das trocas mundiais em 2012. A crise no financiamento das **exportações** é global, e não só europeia, disseram analistas à margem da conferência ministerial da Organização Mundial do **Comércio** (OMC), encerrada no sábado.

Para o diretor-geral da OMC, Pascal Lamy, a crise atual ameaça mais o **comércio** mundial que a de 2008, à medida que os governos dispõem de menos munição financeira para atenuar seus efeitos e estimular a retomada das atividades.

Bancos europeus controlam 80% do **mercado** global de crédito ao **comércio** (trade finance), descrito como a graxa que facilita **exportações** e **importações**, normalmente com maturação de até 180 dias. Esse tipo de operação cobre até 90% dos mais de US\$ 12 trilhões do **comércio** mundial.

Ocorre que os bancos europeus estão sob pressão para se recapitalizar e elevar seu capital próprio. Eles devem desalavancar entre US\$ 2 trilhões e US\$ 3 trilhões, pelas estimativas do Morgan Stanley. Em consequência, não há mais liquidez suficiente para financiar todas as transações. E trade finance é considerado um dos setores onde os bancos tem mais custos em termos de capital e liquidez, por causa de suposto risco, apesar da garantia real em **mercadorias**.

Na semana passada, o banco francês Credit Agricole, o segundo maior em trade finance, anunciou que fechará várias atividades de financiamento ao **comércio**, como parte de seu esforço para elevar seu capital de base.

O BNP Paribas, o maior operador de trade finance, já tinha também anunciado a decisão de reduzir significativamente sua exposição nesse setor, para cortar seus ativos em cerca de 25%.

No total, o trade finance de commodities poderá sofrer redução de 25% a 30% no ano que vem, nas projeções de

Jacques-Olivier Thomann, presidente da Geneva Trading and Shipping Association e diretor do BNP Paribas no financiamento de matérias-primas.

Um assessor da OMC para essa área confirmou que tem havido uma retração de grandes bancos no financiamento do **comércio**, em particular bancos europeus.

BNP Paribas e Credit Agricole fornecem 20% do crédito para grandes traders de commodities, como Glencore e Cargill, de forma que a redução pode ser administrável. Já para clientes menores, a expectativa é que o crédito será improvável em 2012. Com isso, muitos deles terão de acelerar a venda de estoques, como ocorreu em 2008, quando a demanda de várias commodities degingolou.

Outro aspecto discutido paralelamente à reunião da OMC foi que o recuo de bancos europeus não está sendo automaticamente ocupado por bancos de países emergentes. Ou seja, instituições chinesas, por exemplo, não estão aumentando sua fatia de **mercado**.

O ministro de **Comércio** da França, Pierre Lelouche, chegou a apontar uma espécie de guerra no financiamento oficial à **exportação**. Analistas notam que os EUA são especialmente agressivos, para estimular suas vendas. Há um compromisso americano com o Brasil, na disputa do algodão, de reduzir o subsídio no financiamento a seus **exportadores**. Mas os americanos até agora fizeram apenas alterações cosméticas.

Na crise de 2008, os principais governos prepararam um pacote de US\$ 250 bilhões para socorrer o **comércio** mundial, que ainda assim teve forte deterioração.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO Com R\$ 12 bilhões em caixa, Sudene incentiva micro e pequena empresa		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Rosângela Capozalli

Recriada no início de 2007, a nova Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) traz, além dos ensinamentos de um passado nebuloso, uma grande soma de recursos e incentivos para o Nordeste que já empurrou seu Produto Interno Bruto (PIB) para além da média nacional. Neste ano, tinha no caixa R\$ 12 bilhões para aplicar em novos investimentos.

Entre os quatro principais incentivos, está o que dá isenção de 75% no pagamento do Imposto de Renda (IR). Os 25% restantes são depositados em uma conta reserva da própria empresa, que pode fazer uso de 30% desse valor no futuro para ampliar e diversificar sua linha de produção. Isso significa que somando-se a isenção de 75% mais o reinvestimento, o empresário acaba tendo uma isenção de IR na faixa de 82,5%. Outro incentivo diz respeito à depreciação acelerada. Se o equipamento tem uma vida útil de 10 anos e vale R\$ 40 milhões, depois desse período o empresário tem direito a R\$ 4 milhões de depreciação. Mas se o empreendedor quiser essa depreciação em um ano, é só pedir, explica Paulo Sérgio de Noronha Fontana, Superintendente da Sudene. Além disso, a taxa de frete para a Marinha Mercado também foi reduzida.

Os recursos disponíveis para investimentos nunca foram tão grandes: em 2011, foram R\$ 2 bilhões da própria Sudene e R\$ 10 bilhões do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) sobre os quais a Superintendência tem uma ação direta de decisão. Com tanta ajuda, cerca de 1 mil empresas se instalaram na região nos últimos três anos. Os recursos são aplicados em todos os segmentos.

A política da presidente Dilma determina que 51% dos recursos do BNB sejam direcionados para o fortalecimento da micro e pequenas empresas. O restante pode ser empregado em indústrias de médio e grandes portes e projetos de infraestrutura, explica Fontana. A meta do governo é tirar da linha da pobreza as famílias inseridas no Programa Bolsa

Família e outros, transformando-as em microempreendedor e empreendedor individual.

Esse cenário já se reflete no Produto Interno Bruto nordestino. Do final da década de 1990 até a atual, o PIB do Nordeste tem superado o nacional em função do incremento real do salário mínimo, dos programas de transferência de renda e da aplicação de recursos em obras pública, explica. Investimos basicamente em projetos de infraestrutura como parques eólicos, portos, aeroportos, ferrovias, e rodovias, acrescenta. Pelas contas do Superintendente, nos últimos três anos a Superintendência atraiu 1 mil novas empresas para a região oferecendo uma cesta de benefícios.

O volume de recursos oferecido em 2011, de R\$ 12 bilhões, deve aumentar no próximo ano. A Sudene, que tem também uma linha de financiamento anual de R\$ 2 bilhões para poder financiar indústrias dentro de sua própria área de abrangência, financia ainda projetos de infraestrutura, diz. Aliás, 50% do projeto da Transnordestina - que integrará toda região nordestina - foi financiado pela Superintendência.

Temos ainda o papel de definir a diretriz e orientação dos recursos aplicados pelo BNB que será de R\$ 11 bilhões em 2012. Somados aos R\$ 2 bilhões da Sudene, perfazem investimentos de R\$ 13 bilhões para o próximo ano, acrescenta Fontana.



VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
TÍTULO PIMentel pediu para sair, mas Dilma não quis		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Logo após O GLOBO revelar que Fernando **PIMentel** faturou R\$2 milhões com consultorias em 2009 e 2010, o hoje

ministro do **Desenvolvimento** disse à presidente Dilma que seria melhor sair do governo, informa Ricardo Noblat. Mas ela não aceitou.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO PIMentel pediu para sair, mas Dilma não quis		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Logo após O GLOBO revelar que Fernando PIMentel faturou R\$ 2 milhões com consultorias em 2009 e 2010, o hoje ministro do Desenvolvimento disse à presidente Dilma que seria melhor sair do governo, informa Ricardo Noblat. Mas ela não aceitou

Ricardo Noblat

"Meu governo não tem compromisso com práticas inadequadas, com malfeitos e com corrupção. É tolerância zero". (Dilma)

Antes, pode

Enrascado com a história de consultorias-fantasmas ou apenas suspeitas, Fernando PIMentel, ministro do **Desenvolvimento**, demonstrou há cerca de dez dias ser mais sensato do que a presidente Dilma Rousseff. Em conversa com ela, disse que o melhor a fazer seria pedir demissão. Pouparia o governo de novos constrangimentos. E também se pouparia.

Somente PIMentel sabe o que fez. E também amigos seus, alguns fornecedores e ex-fornecedores da prefeitura de Belo Horizonte que concordaram em sustenta-lo de 2009 a 2010. Naquele período a Bolsa Consultoria garantida por eles deu paz a PIMentel para que desenhasse o seu futuro político – o governo do estado ou o Senado.

Agora, pragmático por formação, avaliou que não deixará tão cedo de ser investigado pela imprensa. Deu-lhe motivos de sobra para isso. Exemplo? Fechou contratos de boca com três dos quatro clientes que lhe pagaram um total de R\$ 2 milhões. E preferiu silenciar sobre detalhes dos contratos e das supostas prestações de serviço.

Um dos seus mantenedores desmentiu que o tivesse contratado. Alegou não dispor de dinheiro para tanto. Seu negócio era modesto. Modestíssimo. Um dia depois recuou do desmentido e anunciou que o contratara, sim. Quer situação mais atraente para uma imprensa inquieta, disposta a fiscalizar o poder público, cair em cima sem piedade?

Esse é um dos seus papéis. E, quando quer, ela o desempenha com mais eficiência do que os órgãos encarregados por lei da tarefa. De resto, a imprensa acreditou no modelito "faxineira ética" exibido por Dilma desde o início do seu governo. Por que não a ajudar a varrer

os malfeitos? Nada mais patriótico. **Lula** deixou que eles se acumulassem.

Na conversa com Dilma em que se dispõe a ir embora, PIMentel lembrou-lhe que ainda é jovem. Amargará um prejuízo maior ficando exposto a tiros do que saindo de cena para quem sabe voltar no futuro. A seu modo reflexivo e delicado, Dilma interrompeu o discurso de PIMentel para descartar de pronto a sua sugestão.

"E você acha que vou continuar fazendo tudo o que a imprensa quer?", devolveu a presidente. Àquela altura, ela amadurecera a idéia que defenderia com desassombro quando jornalistas lhe perguntassem por que insistir em conservar PIMentel no governo. Vocês sabem a que idéia me refiro. E um tributo ao cinismo, convenhamos.

"Não tem nada a ver com o meu governo. O que estão acusando (PIMentel), Não tem nada a ver com meu governo", repetiu Dilma de outra forma: o eventual malfeito cometido por PIMentel antes de virar ministro não é da conta da presidente e de ninguém. "É um problema pessoal dele", segundo Dilma. Que tal?

Exercício de lógica só por pura diversão: e se PIMentel fosse suspeito de no passado recente ter sido sócio de Fernandinho Beira-Mar ou de Nem? Ele permaneceria no governo? Ou a suspeita de apenas ter mentido ao distinto, distraído e volúvel público é um malfeito, digamos assim, menor, tolerável? Ou vai ver que nem malfeito é?

A idéia de Dilma para salvar PIMentel da degola foi tomada emprestada à deputada Jaqueline Roriz. O Conselho de Ética da Câmara recomendou a cassação de Jaqueline porque ela se elegeu com dinheiro de caixa dois, como prova um vídeo. A deputada acabou salva por seus colegas sob a desculpa de que o crime ocorrera antes da eleição.

Na última sexta-feira, um jornalista lembrou a Dilma que Antonio Palocci deixou a Casa Civil por ter se negado a dar informações mais precisas sobre consultorias que prestou a empresas – assim como PIMentel. Dilma rebateu: "Ele quis sair". Registre-se que PIMentel também quis. Por ora, sua sina será viver saindo de perto de jornalistas.

Quanto a Dilma: uma vez livre do avental, será liberada para fazer o que queira, respeitadas as leis e consultado o lobo amiúde. Pouco **importa** que seja incoerente ou contraditória. Ou que mande às favas os escrúpulos.

	VEÍCULO O TEMPO	EDITORIA	
	TÍTULO PIMentel integra restrito grupo de ministros queridos		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

BRASÍLIA. Predomina nos corredores do Palácio do Planalto a informação de que é marcada pelo atrito quase constante a relação da presidente Dilma Rousseff com a maioria de seus ministros. Mas há um grupo que se destaca pela proximidade e afinidade que conquistou com Dilma. O ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando **PIMentel (PT) é um dos expoentes desse grupo.**

O comportamento da presidente em relação às suspeitas de prática de tráfico de influência por meio de consultorias que pesam sobre o ministro reforça o tamanho do seu prestígio no governo em Brasília.

Quase um ano após a posse e muitas crises políticas depois, os ministros apontados como os mais influentes na administração são os que menos sofrem as consequências do descontentamento da chefe do Executivo no dia a dia. Porém, mesmo eles, em alguns momentos, costumam receber broncas presidenciais.

Nesses quase 12 meses de governo Dilma, alguns dos colaboradores são traídos pela vaidade e até vendem uma proximidade e cumplicidade acima da realidade. Mas é fato que conquistaram a confiança de Dilma uma trinca de ministros apelidados de "meninos superpoderosos": além de **PIMentel**, Aloizio Mercadante, ministro de Ciência e Tecnologia, e Gilberto Carvalho, da Secretaria Geral.

Por fora. Um novato em Brasília, o ministro da Integração Nacional, o pernambucano Fernando Bezerra Coelho (PSB), que até agora apresenta um estilo discreto, também vem ganhando pontos com Dilma. Outro que tem

agradado é o ministro da Saúde, Alexandre Padilha. Mas os dois não são considerados do grupo dos mais próximos.

Núcleo duro

Recuo. Apesar da proximidade de **PIMentel** com Dilma, a recente onda de acusações contra o ex-prefeito de BH teria feito a presidente adiar o ingresso dele no grupo político da equipe de governo.

Brasília. O **Ministério** das Cidades tem um lobista com gabinete, secretária própria e até crachá que atua em suas dependências. O empresário Gil Pierre Herck, ex-presidente da Associação Nacional das Empresas de Perícias e Inspeção Veicular (Anpevi), é afilhado político do senador Ciro Nogueira do PP do Piauí, partido que controla a pasta.

A denúncia é da revista "Isto É" desta semana, segundo a qual Herck, apesar de não ser servidor, é uma figura influente no Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), órgão controlado pela pasta.

Seu poder teria vindo da influência do diretor Júlio Arcoverde, com as bênçãos do ministro Mário Negromonte, que também está na corda bamba devido a denúncias de fraude.

Segundo a revista, apresentando-se como assessor especial do Denatran, o lobista da Anpevi reuniu-se com parlamentares para discutir leis de seu interesse, adiou auditorias e agilizou autorizações de credenciamentos, tomando sempre o cuidado de não deixar sua assinatura nos documentos oficiais.

	VEÍCULO ASSESSORIA MDIC	EDITORIA	
	TÍTULO Terceira semana de dezembro tem superávit de US\$ 542 milhões		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

No mês, há saldo positivo de US\$ 130 milhões

Brasília (19 de dezembro) – As exportações brasileiras, na terceira semana de dezembro (12 a 18), com cinco dias úteis, foram de US\$ 5,077 bilhões (média diária de US\$ 1,015 bilhão) e as importações foram de US\$ 4,535 bilhões (resultado médio diário de US\$ 907 milhões). Com esses dados, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 542 milhões (média diária de US\$ 108,4 milhões) e a corrente de comércio foi de US\$ 9,612 bilhões (média de US\$ 1,922 bilhão).

Mês

Nos 12 dias úteis de dezembro (1º a 18), as exportações foram de US\$ 11,135 bilhões, com resultado médio diário de US\$ 927,9 milhões. Pela média, houve aumento de 2% em relação à média do mês de dezembro de 2010 (US\$ 909,5 milhões). Na comparação com a média do mês de novembro deste ano (US\$ 1,088 bilhão), houve queda de 14,8%.

As aquisições no exterior, em dezembro, estão em US\$ 11,005 bilhões (média de US\$ 917,1 milhões). Houve aumento de 35,4% na comparação com a média de dezembro do ano passado (US\$ 677,1 milhões). Já sobre o resultado verificado em novembro passado (US\$ 1,059 bilhão), apontou-se retração de 13,4% nas importações.

Com esses resultados, a balança registra saldo positivo no mês de US\$ 130 milhões (média diária de US\$ 10,8 milhões). A corrente de comércio, no período, somou US\$ 22,14 bilhões, com média de US\$ 1,845 bilhão.

Ano

De janeiro até a terceira semana de dezembro, a corrente de comércio (soma das exportações e importações) totalizou US\$ 463,991 bilhões (média diária de US\$ 1,925 bilhão), com aumento de 25,9% sobre a média do mesmo período do ano passado (US\$ 1,529 bilhão).

	VEÍCULO O ESTADÃO	EDITORIA	
	TÍTULO Bancos resistem à redução dos juros		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Temendo os efeitos da crise e diante da alta do calote, queda da Selic não é repassada FERNANDO NAKAGAWA, BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

Desde agosto, o governo tenta reduzir os efeitos da crise no Brasil. Em uma ação coordenada, o juro caiu e impostos foram cortados para levar mais brasileiros às compras. O plano é que o crédito seja um dos motores da reação da economia. A ação, porém, parece que esbarra na realidade: com medo da crise e diante da maior inadimplência em dois anos, bancos resistem em diminuir o juro do crédito ao consumo, como no financiamento de veículos e no crediário de loja.

No crédito pessoal a situação é ainda pior, já que taxa média subiu desde agosto quando o Banco Central (BC) começou a reduzir a taxa básica de juros, a Selic.

Levantamento feito pelo Estado com dados do BC mostra que o crédito à pessoa física reagiu pouco à redução da taxa Selic e a reversão das medidas de contenção do crédito.

Desde o início dessas mudanças, no fim de agosto, até a última semana de novembro - antes do corte do juro no dia 30, a taxa Selic havia sido reduzida em um ponto percentual, para 11,5%, uma diminuição equivalente a 8% da taxa.

Nos empréstimos, porém, a evolução foi bem diferente: no crédito pessoal, por exemplo, a despeito da Selic menor e do esforço do governo em incentivar os financiamentos, os cinco principais bancos de varejo elevaram, na média, o custo desse dinheiro em 2,5% no período.

No crédito para a compra de veículos, o juro seguiu praticamente estável, com leve recuo equivalente a 0,4%.

A linha com o melhor desempenho é o financiamento de loja, cuja taxa média cobrada pelos maiores bancos caiu proporcionalmente 3,7%. Mesmo assim, a metade da redução da Selic.

Mais caro. Os dados do Banco Central mostram que, no crédito pessoal, o custo médio para tomar os empréstimos

subiu em quatro dos cinco maiores bancos: Caixa (aumento proporcional do custo de 6,6%), Itaú (5,5%), Santander (3,4%) e Bradesco (0,2%).

No banco estatal, a taxa média avançou de 2,43% ao mês, nos dias que antecederam o primeiro corte da taxa Selic em agosto, para 2,59%, no fim de novembro.

O Banco do **Brasil** foi o único que diminuiu o custo dessa operação. E apesar de ter liderado o aumento, a Caixa segue com a menor taxa nessa linha de financiamento.

No financiamento de veículos, segmento **importante** para o **mercado** de trabalho e que é acompanhado com lupa pela equipe econômica, o custo dos financiamentos recuou pouco mais de 1% em três bancos, subiu em um e manteve-se estável em uma quinta instituição.

Recentemente, o governo decidiu taxar a **importação** de veículos para incentivar a **produção** nacional e preservar empregos nas montadoras instaladas no Brasil.

Comércio. No crédito concedido em loja, a taxa recuou em três instituições - com queda do custo entre 5,2% e 7,3%, mas na Caixa subiu 4,5% no período.

Ou seja, não há tendência única. O recuo mais pronunciado nessa operação, porém, pode indicar efeito das medidas anunciadas em 11 de novembro, quando o Banco Central retirou amarras ao crédito para pessoa física para impulsionar a demanda.

Apesar do esforço do governo em acelerar o consumo, a Caixa é, entre os grandes, o banco que pratica as taxas de juros mais elevadas no crédito para aquisição de bens, o financiamento de loja. Enquanto a operação da Caixa cobra taxa média superior a 6% ao mês dos clientes, os concorrentes têm taxa entre 2% e 3% mensais.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Equipe econômica prevê ano difícil, mas sem catástrofes		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A expectativa do governo, em Brasília, é a de que a economia mundial cresça menos no ano que vem, mas sem turbulência semelhante à de 2008, quando a quebra do banco Lehman Brothers arrastou o mundo para uma crise profunda. O governo acredita que diminuiu a chance de ocorrer um evento de crédito - quebra de um banco ou o calote desordenado de um governo

Cai risco de calote na Europa, avalia governo

Por Cristiano Romero | De Brasília

O governo acredita que diminuiu a chance de ocorrência de um evento de crédito - a quebra de um banco ou o calote desordenado de um governo - na Europa em 2012. A expectativa em Brasília é que a economia mundial cresça menos no ano que vem, mas sem a repetição de uma turbulência como a de 2008, quando a quebra do banco americano Lehman Brothers arrastou o mundo para uma crise profunda.

Na avaliação de fontes oficiais, o momento mais crítico de 2012 ocorrerá no primeiro semestre, quando vencerão cerca de € 600 bilhões em compromissos de dívida de três países europeus - Itália, Espanha e Grécia. O risco é que, por causa da desconfiança do mercado com a capacidade de pagamento dos três governos, essas economias não consigam rolar os débitos.

Diante desse cenário externo e como resultado das medidas que vem adotando nas áreas fiscal e monetária, o governo aposta que, em 2012, o Produto Interno Bruto (**PIB**) brasileiro crescerá mais do que este ano e que a inflação será menor, convergindo para a meta de 4,5% no fim do ano. Na sexta-feira, a presidente Dilma Rousseff disse que a meta é fazer o **PIB** crescer 5% no próximo ano.

Nas últimas semanas, o custo de financiamento da Itália, terceira maior economia da zona do euro, cresceu de forma acelerada. No dia último dia 14, um título de dez anos do Tesouro italiano estava rendendo 6,7% ao ano. No mesmo dia, um papel de prazo igual do governo alemão era negociado a 1,9% ao ano. A diferença entre os dois papéis chegou a 4,85 pontos percentuais.

A equipe econômica brasileira acha, contudo, que os europeus conseguirão contornar as dificuldades. A crença se baseia nas medidas que o Banco Central Europeu (BCE) tem adotado para dar liquidez aos bancos e também, em alguma medida, aos papéis soberanos negociados nos mercados.

O governo acredita que, em 2012, o BCE reduzirá a taxa básica de juros de 1% ao ano para zero e que os governos farão os ajustes fiscais necessários para enfrentar a crise. Na sexta-feira, o novo governo italiano, por exemplo, conseguiu aprovar, na Câmara dos Deputados, o pacote que, por meio de cortes de despesa e aumento de impostos, reforçará a posição fiscal do país em € 30 bilhões.

A equipe econômica acredita que a economia chinesa, mesmo afetada pela crise, fará um "soft landing" (pouso suave). "A tendência é que, lá, ocorra uma desaceleração administrada pelo governo, que tem bala na agulha para não deixar a economia cair muito", disse uma fonte. A expectativa é que a taxa de crescimento da China caia para 8% no ano que vem, depois de avançar 9,5% neste ano (estimativa do Fundo Monetário Internacional) e 10,3% em 2010.

Quanto à economia americana, a avaliação de Brasília é a de que a situação melhorou um pouco, com o aumento recente do consumo, mas que há vários riscos adiante. Um deles é o fato de o mercado de crédito estar disfuncional.

Depois da crise de 2008, os consumidores aumentaram a taxa de poupança, que antes era negativa. Mas, como não há crédito, eles estariam consumindo parte dessa poupança, o que impõe limites à recuperação da economia. Há um impasse na área fiscal e o preço do petróleo está muito alto, fato que afeta negativamente a atividade econômica.

O cenário internacional é importante, porque é central nas avaliações de conjuntura que o Banco Central (BC) vem fazendo desde o início do ano. Foi com base nesse cenário que o BC, em agosto, decidiu iniciar um ciclo de redução da taxa básica de juros (Selic).

A crise europeia já está afetando a economia brasileira. Segundo estimativa da equipe econômica, de agosto para cá o custo das linhas externas disponíveis para ao Brasil aumentou, em média, meio ponto percentual (ou 50

pontos-base). Não estaria havendo, contudo, escassez de recursos. Eles estão apenas mais caros.

O governo calcula que o funding externo responde por 19% do total de volume de crédito da economia brasileira. Há um estoque disponível de linhas internacionais para o **Brasil** de US\$ 70 bilhões, além de US\$ 35 bilhões em linhas de financiamento ao **comércio** exterior. "Isso não tem se alterado", comentou um assessor.

Apesar do cenário externo, a equipe econômica confia num crescimento forte do **PIB** em 2012. A expectativa da área técnica é que a economia cresça menos do que os 5% previstos pela presidente Dilma na semana passada, mas a uma taxa elevada quando comparada internacionalmente e suficiente para manter o índice de desemprego estável - hoje, em 5,8%.

A aposta numa expansão em 2012 superior à de 2011 se baseia, principalmente, nos efeitos da política monetária. Desde agosto, o Banco Central já cortou a taxa Selic em 1,5 ponto percentual, reduzindo-a de 12,5% para 11% ao ano. A taxa real já caiu à mínima histórica - cerca de 4,5% ao ano. No **mercado**, a expectativa é que o BC continue reduzindo a Selic nos próximos meses.

Com isso, o governo acredita que a taxa de investimento da economia vai acelerar no segundo semestre. Os técnicos acreditam que o chamado **PIB** potencial brasileiro,

isto é, o percentual que a economia pode crescer sem gerar inflação acima da meta, está em 4,5% neste momento. Neste ano, o **PIB** pode terminar com expansão inferior a 3%.

Apesar de prever um crescimento mais forte em 2012, o governo acha que a inflação convergirá para a meta de 4,5% - ou algo próximo disso - no fim do ano que vem. Na avaliação dos técnicos, já há uma "convergência encomendada" do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) até maio do ano que vem. Nesse período, o índice acumulado em 12 meses cairia quase dois pontos percentuais, levando a inflação para 5,5% - em setembro, estava em 7,33%.

Os técnicos dizem que a inflação está cedendo rapidamente. Entre outubro de 2010 e abril deste ano, a média mensal, considerando os 12 meses acumulados, foi de 0,77%. No período entre maio e novembro, a média mensal caiu para 0,38%.

Dada a situação internacional, o governo não espera um novo choque de preços de commodities, como o que pressionou a inflação no último trimestre de 2010 e o primeiro de 2011. Uma boa notícia comemorada na semana passada foi a queda do IGP-10 de 11,16% em 2010 para 5,33% em 2011. Por causa disso, a equipe econômica estima que a pressão por aumentos de preços dos contratos atrelados a esse índice será menor em 2012.